VI Colóquio Internacional
"Educação e Contemporaneidade"
São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O PROJETO DE EDUCAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA E A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DA ESCOLA HORÁCIO HORA

Alessandro Cardoso Ribeiro

EIXO TEMÁTICO:

Educação, Sociedade e Práticas Educativas

ARACAJU – 2012

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as ações e os limites da Escola Horácio Hora, durante a república velha. Sendo a educação operária o objeto de estudo dessa pesquisa, percebe-se que, apesar da tentativa de transformar a educação em um instrumento de politização e organização da classe operária sergipana durante a República Velha, esta, contraditoriamente, tornou-se numa educação que serviu bem mais para a manutenção da hegemonia burguesa, já que tanto o estatuto do centro operário, quanto o regimento interno da escola operária funcionaram dentro da ordem vigente. Logo, a tentativa de transformar a educação operária numa contra-hegemonia esbarrou numa estratégia equivocada de luta política e numa educação que pouco diferia dos ideais burgueses da época, ou seja, contraditoriamente a Escola Horácio Hora serviu a manutenção do Status Quo.

Palavras-Chave: Escola Horácio Hora, Educação Operária, República Velha.

Abstract

The present essay has as its objective to show the actions and the limits of the Horácio Hora, during the Old Republic. Being the working class education the object of this essay, it is possible to realize that even though the attempt to transform the education in an instrument of polatization and organization of the working class from Sergipe during the old republic. This old republic was for everyone surprise, had an education system that had as its main purpose to maintain the power of the stone owners. this conclusion can be reached because both the statute of the working class form Sergipe and the inner regiment of the worker´s school functioned inside the current order. Thus, the attempt to transform the worker´s education in a counter-predominance collided in a mistaken strategy of politic conflictsand in an education that was not so different of the merchants of the time, or in other words, contradictorily the Horácio Hora school served to maintain the current Status Quo.

Key Words: Horácio Hora Scholl, Working Class Education, Old Republic.

Introdução e Justificativa

A idéia básica deste projeto de Tese parte de uma trajetória de pesquisa iniciada na graduação com a monografia intitulada: ”A Luta Política Desenvolvida pelo Centro Operário Sergipano entre 1911 e 1935”. Foi nesse trabalho que eu defendi a idéia de que, na concepção dos intelectuais orgânicos que formavam o Centro Operário (intelectuais e líderes operários), a transformação dos proletários de Sergipe, aconteceria em longo prazo, sendo a educação operária, as palestras e a leitura dos jornais pertencentes ao “Centro” (“O Operário” e posteriormente” O Voz do Operário”), os instrumentos dessa transformação.

Criado no dia 11 de dezembro de 1910[1], o Centro Operário funcionava segundo José Ibarê Dantas, como “Núcleo organizador e aglutinador dos trabalhadores urbanos do Estado” (DANTAS, 1989, p. 83). Sendo também local de debates, onde intelectuais e líderes operários, que se identificavam com a causa proletária, reuniam-se durante a República Velha.

Foi durante o início da República Velha que o movimento operário no Brasil começava a ter ascensão, acompanhando, inclusive a onda revolucionária internacional, marcada ao mesmo tempo, tanto pelo agravamento das condições de vida e trabalho do operariado nacional, como também pela Revolução Proletária na Rússia.

Em Sergipe durante o período, o movimento operário teve como referência o Cos[2] e buscou como eu já tinha dito anteriormente, a transformação dos operários (conscientização)[3], através de 3 instrumentos:as palestras, a leitura dos jornais pertencentes ao Cos e também via educação, ministrada na Escola Horácio Hora.

Para atrair os operários às palestras, o Cos patrocinava festas onde havia ao mesmo tempo discursos e homenagens aos trabalhadores. Clodomir Silva, Deodato Maia, João Pereira Barreto, entre outros, foram intelectuais que ministravam palestras abordando assuntos diversos como: Direitos Humanos, o Socialismo, Legislação do Trabalho, etc. Além destes intelectuais orgânicos oriundos das camadas médias urbanas, havia também líderes operários como: Antônio Alves, José Alfredo dos Santos, Francisco Oliveira Dantas, etc.

Além do papel organizador e mobilizador, os jornais também serviam de embates ideológicos das diversas correntes que integravam o Cos[4]. Analisando o movimento operário

em nosso estado, observei que basicamente três correntes de pensamento formavam o Cos: as duas primeiras concebiam as lutas da classe operária via confrontos não violentos (os social-democratas e os socialistas); a terceira corrente procurava uma ação rápida, defendendo o confronto direto entre operários e patrões (os anarco-sindicalistas). Todavia, o movimento operário em Sergipe atuou dentro da ordem vigente. Em um artigo escrito no jornal Voz do Operário, o Cos esclarecia a sua intenção:

> (...) o seu programa de propaganda socialista não levanta o estandarte vermelho, não inscreve a realização imediata dos ideais que propugna, mas se propõe, tão somente, ao preparo pacífico do caminho, ao amanho tranqüilo da sementeira, à reivindicação serena dos direitos do operário (...) (Voz do Operário, Aracaju, fevereiro de 1920).

A ação política do Cos, segundo uma linha social-democrata, tinha sido aprovada democraticamente por voto, o que demonstra que os social-democratas também prevaleciam em nível quantitativo, diante dos anarquistas e socialistas. A segunda razão que fazia com que a luta política empreendida pelo Cos acontecesse dentro da ordem vigente era a condição do operariado sergipano da época. O operariado sergipano da República Velha, principalmente os que trabalhavam nas fábricas têxteis, era composto, em sua maioria, por analfabetos vindos da zona rural, logo se tinha noção dos limites desses trabalhadores (RIBEIRO, 2003, P. 3). Com isso, o Estatuto do Cos estabelecia no Art.2° & 2°: ”Pedir aos poderes públicos, leis e medidas em harmonia com as necessidades dos operários” (O Operário, Aracaju, 01/05/1911).

O Cos tinha noção do poder de força dos operários e ao mesmo tempo sabia da sua formação (em sua grande maioria analfabetos vindos do campo e acostumados ao trato paternalista), logo passou a ter na educação operária, além de um importante instrumento de organização, mobilização e politização da classe operária sergipana, também uma arma capaz de corrigir “maus hábitos culturais e promover o progresso individual”.

Vistos como “rudes” e “indefesos”, os operários sergipanos da República Velha passam a ser peça fundamental das ações políticas do Cos. Em um artigo escrito no periódico Voz do Operário, aparece bem a visão esteriotipada dos intelectuais orgânicos do Cos sobre esse trabalhador: ”(...) que encanto haverá para o coração do indivíduo cujo celebro não foi iluminado pelo ABC, ou que lhe poderá deter esse cérebro atrofiado, inútil para conceber idéias avantajadas que desse impulso a um espírito reto e esclarecedor” (Voz do Operário, Aracaju, julho de 1923).

Acreditando na construção de uma nova mentalidade para os trabalhadores, o Cos passa, através do jornal Voz do Operário, a incentivar a ida à escola Horácio Hora, como bem demonstra este fragmento de um artigo:

> O Centro Operário Sergipano, a cujo cargo se encontra a Escola Horácio Hora, pode, felizmente, contar com o animador resultado de ter disseminado a instrução no seio da classe trabalhadora. (...) compreendam os operários estas verdades claras e venham à escola e também mandem os seus filhos, os seus amparos no futuro (Voz do Operário. Aracaju, dezembro de 1921).

Apesar da Escola Operária Horácio Hora, ter adotando uma pedagogia escolanovista, os objetivos via educação divergiam conforme a formação ideológica dos diversos intelectuais orgânicos que compunham o Cos. Em um artigo do jornal Voz do Operário, por exemplo, intitulado ”O Operário e a Instrução”, escreveu seu autor: ”(...) se o operário se instruísse, o marxismo, que tanto terror inflige às populações inferiores, seria bem interpretado, pois o operário consciente e culto lhe descobriria as maravilhas, e o aplaudiria, e o patrão cederia, ou pela paz ou pela guerra (...)”.(Voz do Operário, Aracaju, junho de 1920).

Em outro artigo do mesmo periódico, o jornalista Manuel Messias Ferreira, intelectual social-democrata do Cos, expressa bem a difusão dos ideais positivistas, via educação: ”(...) O princípio, a origem de todas as grandezas, de todas as artes e de todas as evoluções é a instrução(...)” (Voz do Operário, Aracaju, junho de 1921). Já os anarquistas (minoria entre os intelectuais do Cos), afirmavam que: ”(...) a fundação da vossa escola, se não é o grito de guerra nos campos da opressão que jugula a nossa independência, é pelo menos um punhado de pólvora e luz que um dia abalará os alicerces profundos dos patrões” (O Operário, 14 de outubro de 1911).

Regida pela Lei n°663, de 28 de julho de 1914[5], a escola noturna Horácio Hora, funcionava das 19 às 21 horas (art. 18); tinha um curso primário com duração de 4 anos (art. 7) e funcionava com lotação máxima de 50 alunos (art. 10). Além disso, as férias eram revestidas de solenidades (durante as festas cívicas), sendo o período escolar de fevereiro a novembro.

Fundada no dia 8 de dezembro de 1911, a escola Horácio Hora passa por 3 períodos distintos em sua história. Nos primeiros anos de existência, mais especificamente entre 1911 e 1915, a escola funcionou no salão recreio da fábrica Sergipe Industrial, o que comprova a ajuda paternalista do dono da fábrica, Thales Ferraz. Numa segunda fase, entre

1916 a 1920, a escola funcionou na casa do professor Sebastião Públio de Albuquerque, contando para tanto, com a ajuda do governador General Valadão.

Numa terceira fase, entre 1920 e 1964, a escola passou também a ser mantida pela Intendência Municipal, funcionando nessa época nas instalações do próprio Cos (esquina da Rua Santo Amaro com a Rua Geru).

Definição do Tema e do Problema

A escola Horácio Hora foi uma das 26 escolas operárias[6] existentes no Brasil durante a República Velha. Além disso, vale lembrar também que o próprio estatuto do Cos, aprovado no ano de 1911, já trazia como objetivos nos seus artigos 2° e 5°, respectivamente que: o operário deveria "estar matriculado na escola mantida pelo centro" (capítulo III do Art. 5°); além do fato de "criar escolas noturnas" (art 2° & 5). (O Operário. Aracaju, 01/05/1911).

A fundação de escolas nas dependências dos próprios centros operários durante a República Velha, não fazia parte de um projeto Hegemônico Estatal, mas sim, de um projeto Contra-hegemônico planejado pela COB (Confederação Operária Brasileira)[7], que tinha o anarcosindicalismo como tendência política dominante)[8]. Tal medida explica-se pelas resoluções tomadas no 3° Congresso Operário Brasileiro que se realizou no período de 23 a 30 de abril de 1920, no Rio de Janeiro.

> com a participação de 150 delegados, representando cerca de 75 associações sindicais de vários estados(...). Como os congressos de 1906 e 1913 a possibilidade de sua realização foi determinada pela conjuntura de ascensão do movimento operário (1991, p. 282).

O congresso decidiu entre outras medidas que "os trabalhadores de cada localidade se organizem e que sejam criadas escolas operárias nas dependências dos sindicatos" (Voz do Operário. Aracaju, abril de 1920). Além disso, defendeu como princípios básicos: Autonomia individual, autogestão social, internacionalismo e ação direta, sendo a escola operária seu principal instrumento ideológico, como demonstra o jornal "A Voz do Trabalhador", jornal da Confederação Operária Brasileira: "Camaradas! Arranquemos a criança ao padre e ao governo! Educar é uma ação distinta de instruir (...)" (A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro, 05 de março 1915).

Havia também, desde o II Congresso da COB (realizado em 1913), uma preocupação com uma educação mais completa, que unisse o trabalho manual ao trabalho intelectual, como demonstra essa proposta de Astrogildo Pereira, membro da COB:

"(...) Propomos que, além de escolas de escolas racionalistas, seja aconselhada a criação de cursos profissionais de educação técnica e artística" (A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1913).

Após as mobilizações, o Cos mandou 5 representantes para o II congresso da COB, entre eles o tipógrafo José Alfredo dos Santos que, ao voltar da viagem, passa a apoiar com os demais anarquistas do Cos, as ações alfabetizadoras da escola operária Horácio Hora de uma forma mais completa.

Os intelectuais orgânicos do Cos e da COB, tinham também uma noção clara de que a escola oficial somente atendia aos interesses da classe dominante (sendo elitista e segregadora), como demonstra este artigo do jornalista João Pereira Barreto:

> (...) o filho do operário, seja ele o mais intelectual dos nascidos de mulher, não terá a instrução suficiente, ou só a terá mediante esforços próprios que o esgotarão prematuramente, mas o filho do homem poderoso ou capitalista, freqüentará colégios e academias e, se não adquirir conhecimentos superiores, porque para isso lhe favorece a capacidade, todavia é certo que, ostentará os diplomas científicos e tomara na sociedade os lugares eminentes que deviam caber a outros. (Voz do Operário, Aracaju, agosto de 1920).

Procedimento da Pesquisa

Nesse sentido, destaco que a temática pedagógica ocupou um lugar central na prática e no pensamento dos intelectuais orgânicos do Cos, emergindo a educação como instrumento necessário à luta de classes pelo exercício de poder. Assim, o conceito de educação estava vinculado organicamente ao de "Hegemonia"[9] e consistia num fator importantíssimo para a compreensão e a solução das contradições existentes nas relações de classe, cabendo ao intelectual um papel importantíssimo na função organizativa da classe[10].

Para Gramsci, o intelectual é uma categoria que tanto pode agir para a transformação da sociedade, quanto para a sua manutenção. O estudo das relações pedagógicas, assim como, a função dos intelectuais, comprovam a natureza das relações hegemônicas, do mesmo modo como a análise da educação, incluindo a escola, evidencia que as relações pedagógicas são hegemônicas[11].

Sendo um estudo histórico-educacional, partirei de alguns pressupostos. Primeiro que o movimento dinâmico da História pode revelar que não há unilateralidade, mas

“contradições” nessas tensões. Nesse sentido, o estudo parte da compreensão do Estado ampliado em Gramsci (2000: 244): Estado=Sociedade Política+Sociedade Civil, isto é Hegemonia couraçada de coerção. O Estado seria o conjunto de atividades com as quais as classes dirigentes justificam e mantém sua dominação, principalmente pelo consenso ativo dos sujeitos sociais via os aparelhos de Hegemonia: escola, imprensa, etc. A Sociedade Civil, terreno de Hegemonia ou consenso, é o terreno do movimento, pois o referencial Gramsciano não comporta determinismos, mas contradições.

Outro pressuposto, é que o conhecimento histórico implica num movimento dialético, em que a Tese (conceito/hipótese) em confronto a uma Antítese (fontes/evidências) resulta numa Síntese, o próprio conhecimento histórico. Assim, o objeto da história é reconstruir,compreender a realidade humana vivida, sem torná-la refém de postulados teóricos, que em si, sustentam tão somente o arcabouço intelectual do pesquisador[12].

Já em relação “As Peculiaridades” do movimento operário em Sergipe durante a República Velha, tratarei destas especificidades não pura e simplesmente a partir de suas características “objetivas” (diferentes estágios de desenvolvimento industrial, variedade de qualificações, diferentes níveis de cultura e da influência imigrante estrangeira), mas sim, a partir de suas condições “subjetivas”, entendida por E. P. Thompson como ”Uma inter-relação dialética entre tradição, costumes e transformações sociais” (grifo do autor).

Ancorado na ideia de “Experiência”[13], E. P. Thompson relativiza grande parte dos conceitos do Marxismo Estruturalista, com isso, até mesmo o processo educacional (tido como um elemento influenciado pela infraestrutura), pode ser modificado dentro desta nova lógica, como defende o autor:

> Toda educação que faz jus a esse nome envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material a seu dispor como uma turma de passivos recipientes de educação”[14]. (...) A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino ,a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo (...)[15].

Nesse sentido, a experiência humana reflete a própria Práxis Histórica. Com isso, a história inclui as ações subjacentes à vida cotidiana, tendo agora uma melhor compreensão do homem que, além de ser “um ser econômico”, é também “um ser cultural”. Esse elemento cultural pode ser descrito como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p. 189). Através da Experiência, Thompson avalia ”(...) homens e mulheres retornando como sujeitos, dentro deste termo-não como sujeitos autônomos indivíduos livres, mas como pessoas que

experimentam, suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e também como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura” (THOMPSON, 1981, P. 182). Neste sentido, reestabelece o diálogo entre ”o ser social” e a “consciência social”, relativizando assim o peso da Estrutura, como ele mesmo diz: ”A pressão do ser social sobre a consciência social se revela, agora, não tanto por meio da clivagem horizontal base e superestrutura, mas por meio de a) congruências, b) contradição, c) mudança involuntária. Por congruência, entendo as regras necessárias, as expectativas e os valores segundo os quais vivem relações produtivas particulares. Por contradição quero dizer, primeiro, o conflito entre o modo de viver e as normas da comunidade local e ocupacional da sociedade “envolvente”. Por mudança involuntária me refiro às mudanças ulteriores na tecnologia, demografia e por aí vai, cujas involuntárias repercussões afetam o modo de produção em si, alterando, perceptivelmente, o equilíbrio das relações produtivas.

Já em relação a educação operária, enquanto instrumento de formação de uma “consciência de classe”, defendida pelos intelectuais orgânicos do Cos, será relativizada, pois observei pelos artigos escritos nos jornais do centro, que este conceito tem várias conotações dentro da instituição, a depender da ideologia do intelectual (anarquista, socialista, social-democrata,positivista). Como explicou Thompson: ”Não podemos colocar classe aqui e consciência de classe, ali, como entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas – a experiência da determinação e o tratamento desta de maneiras conscientes” (1981, p. 121). Logo, se “é o ser social que determina a consciência do homem” (MARX & ENGELS, s/d, p. 23), compartilhando interesses e valores comuns (como afirma E. P. Thompson[16], a ideia de formar uma “consciência de classe”era distorcida, já que tanto o estatuto do COS, quanto, também a proposta pedagógica da escola operária era de caráter burguês, para os padrões da época.

Por último, também baseado em E. P. Thompson defendo a idéia de que o analfabetismo de forma nenhuma exclui os indivíduos da luta política. Para chegar a essa conclusão, a autor analisa a situação política e social da Inglaterra na primeira metade do século XIX, onde a educação formal da classe operária resumia-se no máximo a ler, escrever e contar, e conclui que isso em nada se refletiu nas conquistas sociais da época.

> As classes industriosas, num dos extremos, incluíam um milhão ou mais de analfabetos, ou de analfabetos cujo grau de instrução ia pouco além da capacidade de soletrar umas poucas palavras ou de escrever seus nomes. No outro extremo, estavam indivíduos com realizações intelectuais

> consideráveis. De forma nenhuma o analfabetismo (devemos lembrar) excluía os indivíduos do discurso político (THOMPSON, 1987, p. 304).

Assim, a partir de sua "experiência própria" e com o recurso à sua instrução errante e arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade (Idem).

Procedimentos da Análise

Sendo um estudo ligado à história da educação em Sergipe e tendo como referencial uma concepção materialista da história, partirei de uma idéia da educação não tão somente como um elemento da superestrutura, mas como expressão de contradições e materializações de intencionalidades humanas. A fim de compreender tal intenção é necessário submetê-la a uma análise de longa duração que, de acordo com Antônio Gramsci (2000) implica em distinguir os movimentos orgânicos (de caráter permanente) de outros movimentos (ocasionais, acidentais, imediatos).

Já em relação às fontes, que tratam da escola Horácio Hora e da sua relação com o projeto educacional da Confederação Operária Brasileira durante a República Velha, pretendo trabalhar com as informações contidas nos jornais do Centro Operário Sergipano (O Operário-1910 a 1916) e Voz do Operário (1920 a 1935), onde estão as diretrizes políticas e educacionais do Cos, já que todo o material didático da escola e do próprio centro, foi destruído pelo governo militar no ano de 1964, mesmo ano de fechamento do centro. Além disso, pretendo pesquisar nas leis, decretos-lei, portarias, relatórios e atas armazenados no Arquivo Público do estado de Sergipe (APES), no Instituto Histórico e Geográfico (IHGS) e publicações do Diário Oficial, além do uso da documentação contida no PDPH (Departamento de História da UFS).

Pesquisarei teses e dissertações à respeito da relação entre a COB com outras escolas operárias no Brasil durante a República Velha, a exemplo da tese de Aldrin Castellucci, intitulada "Trabalhadores, Máquinas, Política e Eleições na República Velha", que trata da relação entre a COB e o Centro Operário Bahiano e a Escola Operária fundada em Salvador.

Já em relação a Confederação Operária Brasileira, pretendo me utilizar as informações contidas no Arquivo Edgar Leurencoth (UNICAMP),onde estão a maior parte dos jornais e das diretrizes políticas e educacionais da COB, além das informações contidas em documentos na Biblioteca Nacinoal.

Por último, pretendo também em relação à formação da classe operária em Sergipe, me utilizar da leitura de obras da historiografia sergipana como um todo, como por exemplo: Os Corúmbas, que tratam tanto da origem, como também do contexto histórico, trabalhados por mim, além de produções mais recentes escritas pelos professores: Antônio Lindvaldo Sousa, Frederico Romão e José Ibarê Dantas.

Referências Bibliográficas

AGGIO, Alberto. 1998. *A revolução passiva como hipótese interpretativa da história política latino-americana*. In: AGGIO, Alberto. (Org.). **Gramsci:** a vitalidade de um pensamento. São Paulo: UNESP,

BEIRED, J. L. Bendiccho. 1998. *A função social dos intelectuais*. In: AGGIO, Alberto. (Org.). **Gramsci:** a vitalidade de um pensamento. São Paulo: UNESP,

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. 2008. *Trabalhadores, máquina política e eleições na Primeira República*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia.

DANTAS, J. Ibarê. 1983. *A Revolução de 1930 em Sergipe: dos tenentes aos coronéis*. São Paulo: Cortez.

_____. 1974. *O Tenentismo em Sergipe (da revolta de 1924 à revolução de 1930).* Petrópolis: Vozes.

_____. 1989. *Os Partidos políticos em Sergipe (1889-1964).* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

DULLES, John. 1977. *Anarquistas e comunistas no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GRAMSCI, Antônio. 2000. *Cadernos do Cárcere.* v. 3. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. 1992. *Poder, Política e Partido.* 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

_____. 1982. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura.* 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. 1978. *Concepção dialética da história.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUISEPPINA, Sferra. 1987. Anarquismo e Anarcossindicalismo. São Paulo: Ática, In: SOUSA, Antônio Lindvaldo. 1991. *Em nome do progresso e da liberdade: ordem e rebeldia no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930).* Aracaju: UFS.

HARDMAN, Francisco; Victor, Leonardi. 1991. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20.* 2 ed. São Paulo: Ática.

MARX, Karl: ENGELS, Friedrich. 2000. *O manifesto comunista.* 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. 1978. *Crítica da educação e do ensino.* Lisboa: Moraes.

MOURA, Maria das Graças. 1984. *Levantamento da imprensa operária em Sergipe.* Aracaju: PDPH.

NUNES, Maria Thétis. 1984. *História da Educação em Sergipe.* Rio de Janeiro: Paz e Terra,

RIBEIRO, Alessandro Cardoso. 2003. *A Escola Horácio Hora.* Aracaju: Dissertação de Mestrado, do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe.

_____. 1998. *A luta política desenvolvida pelo centro operário sergipano entre 1911 a 1935.* Aracaju: Monografia do Curso de História, da Universidade Federal de Sergipe.

RODRIGUES, Edgar. 1992. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé.

ROMÃO, Frederico Lisboa. 2000. *Na trama da história: o movimento operário de Sergipe (1871-1935).* Aracaju.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. 1991. *Em nome do progresso e da liberdade: ordem e rebeldia no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930).* Aracaju: UFS.

THOMPSON, E. P. 1987. *A formação da classe operária inglesa.* Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1981. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1987. *Senhores e caçadores.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. 2002. *Os românticos – A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Jornais

A Voz do trabalhador. Rio de Janeiro,1906 a 1920.

O Operário. Aracaju, 04/07/1911 a 1912; set/1915 a 1916.

Voz do Operário. Aracaju, 1920 a 1935.

Leis e Decretos

Boletins da Escola moderna, arquivo E. Leuenroth.

Diário Oficial de Sergipe. Aracaju, 12/02/1920 a 20/07/1927.

Lei nº 777, de 13 de outubro de 1919.

Lei nº 663, de 28 de julho de 1914.

Regimento Interno da Escola Horácio Hora, de julho de 1923.

Programa para curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas do Estado – 1917.

Citações Bibliográficas

1- O Operário. Aracaju, 11/12/1910, BEPD (Hemeroteca).

2- A partir de agora usarei a sigla Cos, para designar o Centro Operário Sergipano.

3- Utilizarei o conceito de consciência de classe de E. P. Thompson, compreendida pelo autor Como "autoconsciência coletiva". Sobre "consciência de classe" Ver: Thompson. E. P. a formação da classe operaria inglesa. Rio de Janeiro: Zahar, Editora 1987; A miséria da teoria. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; Senhores e caçadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

4- Analisando as resoluções aprovadas no primeiro congresso operário brasileiro, realizado de 15 a 22 de abril de 1906 no Rio de Janeiro, percebi o Anarquismo como tendência orgânica do proletariado brasileiro da época. Porém, ao avaliar singularmente cada movimento nota-se uma grande heterogeneidade; na Bahia e em Alagoas havia uma clara influência anarco-sindicalista, já em Pernambuco, por exemplo, havia forte influência marxista.

5- Lei nº 663 de julho de 1914. Ver: coleções de leis e decretos de 1914. Typ. "Do Estado de Sergipe". Aracaju, 28/07/1914. IHGS.

6- Ver: HARDMAN, Francisco; Victor, Leonardi. História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20. 2 ed. São Paulo: Ática.

7- A partir de agora usarei a sigla C.O.B, quando me referi a Confederação Operária Brasileira.

8- Ver: HARDMAN; LEONARDI, 1991, P. 263.

9- Ver: Regimento Interno da Escola Horácio Hora. Voz do Operário. Aracaju, 0/10/1923. BEPD (HEMEROTECA).

10- "A noção de Hegemonia enquanto totalidade significa a unificação da Estrutura em Superestrutura, da atividade de produção e da cultura, do particular econômico e do universal político. (...) Nesse sentido, a Hegemonia também se coloca num novo campo de lutas, de alianças, de construção e desconstrução de saberes e experiências, pois, antes de mais nada, toda relação de Hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica, na medida em que se encerra em si possibilidades de emancipação coletivas, não só para determinados indivíduos, mas para toda a sociedade" (SIMIONATTO,1998, P. 46-7, 52-3). Para um melhor entendimento desse conceito. ver: GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p. 113-14; p. 126-31. _____. Poder, Política e Partido. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 107-108.

11- GRAMSCI define o intelectual por sua função e não pelo aparato de intelectualidade. Ver: GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1992, p. 7. Para Gramsci o intelectual se define pela capacidade de organizar os homens e o mundo em torno de si. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro; civilização Brasileira, 1978, p. 21.

12- “Romper com essa unidade ideológica, criticar a concepção de mundo imposta do exterior, requer a elaboração de uma nova forma de pensar, crítica e coerente, viabilizadora de práticas sociais (...). Assim como a Hegemonia mantém a ocultação da realidade, a Contra-hegemonia, seria a desocultação desta realidade. Ambas as categorias resolverão as contradições da Superestrutura,em nível de dirigentes e dirigidos.

13- THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao Pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 49-62.

14- Segundo Thompson, a “Experiência” está em toda parte (nas ações individuais e nas ações de grupos sociais). É o resultado necessário entre o ser social e a consciência social. Ver: E. P. Thompson. A Miséria da Teoria: ou um Planetário de Erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 342.

15- THOMPSON, E. P. Os Românticos – A Inglaterra na era Revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 13.

16- THOMPSON, E. P. As Peculiaridades dos Ingleses outros Artigos. Campinas, São Paulo; Editora da UNICAMP, 2001.

Alessandro Cardoso Ribeiro
Mestre em Educação pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS, Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe, Grupo de Pesquisa em História da Educação da PUC, E-mail: acardosoribeiro@bol.com.br